

## **AUTONOMIA DO SABER: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CONTO DE MANUEL RIVAS “A LÍNGUA DAS MARIPOSAS”**

Autores: Ruana Natasha Bispo da Silva; Joana Dar’k Costa; Maria Janilce Oliveira Magalhães

*Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Professora Mestra no Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Médica Preceptora da Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade. Secretária de Saúde do Município de João Pessoa*

[Naty.bispo96@gmail.com](mailto:Naty.bispo96@gmail.com); [joanadc2@yahoo.com.br](mailto:joanadc2@yahoo.com.br); [janilceoliveira@yahoo.com.br](mailto:janilceoliveira@yahoo.com.br)

A situação atual da produção de conhecimento acerca da importância da relação professor aluno no processo ensino-aprendizagem na escola é marcada por uma multiplicidade de trabalhos e pesquisas que, buscam avançar na compreensão dessa temática. O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem a partir do conto “A língua das mariposas” de Manuel Rivas (1995). Nossa pretensão é contribuirmos para ampliar o debate nessa área, fazendo uma análise do conto fundamentando-nos em teóricos que se debruçaram sobre o tema como Lev Vygotsky e Paulo Freire.

Segundo Oliveira, na abordagem sócio-interacionista de Vygotsky O processo de desenvolvimento é um processo de reconstrução individual do material recebido de fora: aquilo que é inicialmente intrapsíquico passa a ser intrapsíquico. Mas esse processo não se dá de forma harmônica, para Vygotsky, a interação do indivíduo com o meio cultural é atravessado por confrontos de ações, emoções, motivações e significações dos diferentes participantes, o desenvolvimento se faz através de conflitos e crises, onde a contradição revela-se como parte integrante e fundamental no processo de constituição das pessoas e das situações. Assim, simultaneamente, pessoas e rede de significações são contínua e mutuamente transformadas e reestruturadas, canalizadas pelas características físicas, sociais e temporais do contexto no qual as interações ocorrem.

Deste modo, é importante ressaltar que o indivíduo não absorve passivamente a informação dada pelo contexto cultural. Na verdade ele negocia: é como se ele fosse um ator na cultura, que funciona como uma espécie de “palco de negociações” constantes. Isso porque a cultura também não é estática, esta em constante movimento e transformação que resulta da ação dos indivíduos.

Na abordagem sócio-interacionista, cada sujeito humano desempenha um papel ativo, criativo e constitutivo em seu próprio processo de desenvolvimento. O ato de conhecer é resultado da internalização das experiências significativas, num contexto sociocultural, nas quais o meio físico e o social exercem papel determinante. A criança vai construindo formas singulares de conhecer e vincular a seu desenvolvimento, o que ocorre em contextos culturais específicos, nunca

previsíveis (determinados no passado) e sempre recriáveis, reinventados, no paradoxal e contraditório processo de se tornar igual, na diferença com seus outros sociais.

Oliveira acrescenta que o indivíduo tenta estruturar relacionamentos e constâncias consigo mesmo e com o mundo, por intermédio de uma dialogia ativa e constitutiva dele, como sujeito preñado de experiências e novos significados. Ele constrói, desconstrói, reconstrói, a cada nova interação, ressignificando signos, antes ora socialmente produzidos, ora subjetivamente transformados, possibilitando uma provisória estruturação de experiências e uma compreensão de si e do mundo em suas particularidades, que lhe dá possibilidade e o direito de lidar com ele (mundo) a partir de sua plena singularidade.

Por outro lado, Wallon chama a atenção para a importância do afeto no processo de aprendizagem. Para Lopes (2006) ensinar engloba vários fatores efetivos e sociais, os vínculos afetivos proporcionam ao aluno melhor desempenho na aprendizagem, conforme Wallon apud Dantas (1951, p. 85) “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto no ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Em contrapartida, nos deparamos também com alunos que não gostam de estudar e veem a escola com um mal necessário:

[...] Alguns guardam rancor contra a escola, mas o pior talvez seja o fato de que a maioria dos alunos se resigna docemente à monotonia da escola, esperando que ela termine ao fim de cada dia, ao fim de cada ano, ao fim da juventude – na expectativa (e conformando-se com isso) de que ela os prepare para aquele famoso futuro cheio de promessas e ameaças. (SNYDERS Apud SILVA; GARBIN; NASCIMENTO, 2011 p. 12840)

Diante disso, notamos que a relação professor e aluno está longe de ser tarefa fácil, em parte por conta da diferença de valores ou de comportamentos. E assim fica evidente a importância do professor na vida de uma criança. É a partir da relação professor aluno, que a criança vai apreendendo o universo que a cerca. O professor como mediador, possibilita o acesso da criança ao patrimônio cultural da humanidade.

Para Paulo Freire o princípio da relação professor-aluno inicia na escola, algumas vezes encontra-se nessa relação o autoritarismo e a ausência de diálogo. No entanto, o que é proposto por Freire é uma educação transformadora, na qual haja a participação de todos.

Ao buscar concepções teórico-metodológicas que fundamentam o processo de aprendizagem na educação, pudemos observar a partir de Moura (1999) e Gadotti (2002) que a pedagogia de Paulo Freire continua exercendo influências marcantes sobre o processo educativo, destacando-se como uma das principais referências pelo arcabouço teórico metodológico elaborado de forma sistematizada.

De acordo com Moura, a história da educação nesse país tem nas ideias e proposições de Freire a sua pedra angular. A amplitude e riqueza de suas formulações torna qualquer tentativa de síntese de suas ideias, uma tarefa difícil e complexa, mas correremos esse risco apresentando a perspectiva defendida por Freire no que se refere à importância das relações em sala de aula no processo ensino-aprendizagem.

Freire em suas proposições parte do entendimento do caráter pulsional dos humanos, potencialmente munidos de uma capacidade para a observação, atenção, comunicação e de um desejo incansável de aprender e atribuir sentido a vida.

Para esse educador, no processo educativo de jovens e adultos constitui-se tarefa primordial o cultivo do senso de atenção e observação que estão na origem das estratégias da vida. Para Freire, segundo Gadotti (2002) conhecer é construir categorias de pensamento, é “ler o mundo e transforma-lo”. Neste sentido, comungando de uma mesma linha de pensamento de Vygostky, Freire nos diz que não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

Por outro lado, só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo. O estudante precisa ser seduzido pelo objeto de conhecimento, até porque na formulação freiriana a educação constitui-se uma prática, uma experiência de criação e recriação da própria vida.

O importante, nesse processo, insistirá Freire (2011) mais do que as técnicas, mais do que os recursos didáticos, é valorizar o que existe de fundamental no ser: a curiosidade humana. Na pedagogia da autonomia, ele nos diz que talvez o maior desafio reservado aos educadores é o da promoção da curiosidade espontânea à curiosidade epistemológica.

Um outro aspecto relevante das ideias de Freire é o princípio da educação pelo diálogo, que o autor veio desenvolvendo desde seus primeiros escritos. Na sua compreensão é através das relações dialógicas ocorridas na escola, que o sujeito ensaia movimentos de transição de uma consciência ingênua para o estabelecimento da consciência crítica sobre si e sobre a realidade.

A abordagem sócio interacionista de Vygotsky tem como ideia central o estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que constituem no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como: a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação, linguagem dentre outras

Analisando a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky sinaliza que a aprendizagem é motor do desenvolvimento. Então, para que haja desenvolvimento, isto é, a passagem pela trajetória que vai do recém-nascido ao ser humano adulto, existirá a aprendizagem, ou seja, a transformação do sujeito pela interação com o meio. É nesse contexto, que o conceito de zona de desenvolvimento proximal é essencial na teoria de Vygotsky.

A zona de desenvolvimento proximal é a distancia entre aquilo que já foi conquistado, que está consolidado no desenvolvimento do sujeito (nível de desenvolvimento real), e aquilo que está por vir (nível de desenvolvimento potencial). Esta zona define aquelas funções que ainda não amadureceram que estão em estado embrionário, em processo de maturação, o qual pode ser facilitado através de um processo de aprendizagem adequado.

Considera como aspecto essencial do aprendizado o fato dele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando o sujeito interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. De acordo as contribuições de Freire e Vygotsky acerca do da relação professor aluno, podemos dizer que é necessário investir em uma formação direcionada para a produção de conhecimento que se enriquece e se amplia na experiência coletiva.

O conto, *A língua das mariposas*, objeto de análise nesse trabalho faz parte da obra de Manuel Rivas *¿Qué me quieres, amor?* publicada em 1995. O conto retrata a o dilema de Moncho, uma criança com receio do seu primeiro dia de aula. Moncho cria percepções prévias sobre como se dá o ensino e ainda como ocorre à relação professor-aluno no âmbito escolar. O conto apresenta também o personagem do professor Don Gregório, um professor libertário, que apresenta uma tendência pedagógica progressista na medida em que defende que os alunos sejam ativos no processo de aprendizagem e construção de conhecimento. O professor consegue mobilizar a sala de aula de forma que desperta em seus alunos o desejo de aprenderem e de perceberem a educação como dispositivo de transformação social. No cotidiano da sala de aula o professor incentiva a autonomia dos alunos e estabelece marcada pelo respeito, diálogo e dinamicidade. O Professor em sua prática pedagógica, parte da realidade vivenciada pelos alunos para que eles possam compreender os conteúdos apresentados. Neste aspecto, podemos perceber que sua prática prioriza as condições sociais e culturais de cada criança, além de investir na zona de desenvolvimento proximal defendida por Vygotsky.

Analisando o personagem do professor no filme, podemos dizer que ele se alinha a pedagogia freiriana, e abordagem de Vygotsky, tendo em vista que na sua prática pedagógica ele adota uma

metodologia que problematizava os conteúdos, provocando nos alunos o interesse em conhecer o meio em que viviam na perspectiva de compreender para transformar. Don Gregório acreditava no potencial dos alunos e na educação como instrumento de transformação da sociedade. Neste sentido, para reforçar nossa percepção, destacamos uma de suas frases célebres: “se permitirmos que somente uma geração, somente uma geração cresça livre na Espanha então ninguém nunca poderá tomar sua liberdade”.

Por todo seu carisma e dedicação obteve o reconhecimento da maioria dos moradores da localidade. Mas, a trama retrata uma Espanha numa época dominada pelo regime autoritário que não permite a liberdade do pensamento e por isso o personagem do professor é impedido de exercer seu magistério. Numa cena emocionante ele é detido pelos soldados, acusado de ser um comunista e levado de sua residência sob xingamentos de muitos que até bem pouco o aclamavam, inclusive do seu aluno Moncho que sob a pressão da amedrontada mãe também insulta seu mestre.

Conforme já mencionamos anteriormente, a postura de Don Gregório nos remete aos ensinamentos do educador Paulo Freire que em seu livro *Pedagogia da Autonomia* nos ensina sobre alguns requisitos para exercer a docência. Segundo ele “ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo, quem pensa certo tá cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo, pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”(FREIRE, 2011, p.35).

## REFERÊNCIAS:

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011
- GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido**. Abceducatio, Ano III, n. 17, p. 30-33, 2002.
- MOURA, T. M. de M. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. Maceió: INEP, 1999.
- RIVAS, Manuel. *¿Qué me quieres, amor?* Madrid: Santillana, 2011.
- REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Ed. 21 Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

